

*Em memória de Donal; dedicado à minha família
e a todos os que sofreram o desgosto do suicídio.*

*Ainda que atravesses vales tenebrosos,
de nenhum mal terei medo porque Tu estás comigo...*
— Salmo 23 (o Salmo preferido de Donal)

A.M.D.G.

Índice

Prefácio	9
Mapa	12
1 Movido pelo Desejo	13
2 Uma Luz Interior	27
3 Até ao Osso	39
4 Na Solitária	51
5 Não há Fome que Não Dê em Fartura	63
6 A Pisar Vidro	75
7 Sair da Prisão	87
8 Crise da Alma	99
9 A Estrada dos Reis	111
10 Sozinho e a Caminhar	123
11 A Estrada da Desolação	135
12 A Salvação de Sarah	147
13 Salvação	157
14 Carregado pela Bondade	169
15 Expição	185
16 A Viagem ao Fim da Terra	193
Epílogo	207
Notas	211
Referências Seleccionadas e Leituras Recomendadas	230
Um Ritual Para o Luto	234
As Linhas Orientadoras de Inácio de Loiola para Superar a Viagem da Vida	236
Agradecimentos	238

Prefácio



Conheci Brendan McManus num serão de novembro, em 2007, quando relatava a minha história pessoal num grupo de apoio da Console a que eu pertencia. Depois de perder a minha irmã por suicídio, montei a agência de prevenção do suicídio, Console, em 2002, com o desejo de apoiar todas as pessoas a passar por uma situação idêntica de perda e com a esperança de evitar que outros morressem de forma tão trágica. Fiquei impressionado com a autenticidade e a humildade que Brendan demonstrou ao pedir ajuda, uma vez que esse é um grande desafio, sobretudo para os homens enlutados. Como padre, Brendan não tem medo de escrever sobre a sua própria crise de fé e a raiva que sentia de Deus — um tema fundamental nessa viagem épica. Muitas pessoas identificar-se-ão com Brendan, no Caminho, porque reconhecerão nele a luta corajosa para avançar, dar o passo seguinte e continuar a seguir o caminho sinuoso, onde quer que ele nos leve.

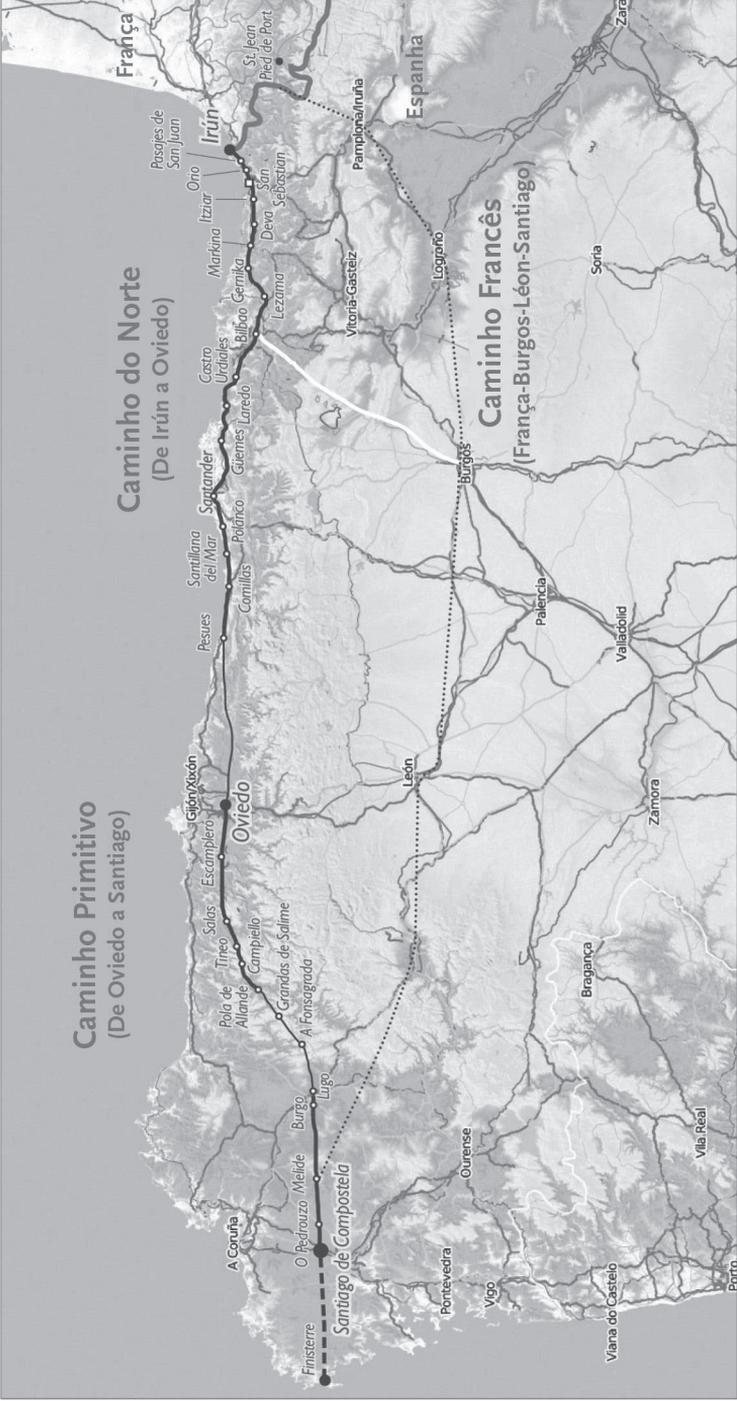
A Estrada da Salvação conta a história pessoal de Brendan no percurso do Caminho de Santiago — ao longo de cerca de oitocentos quilómetros —, em memória do seu irmão Donal, que se suicidara. É uma história que versa não só sobre o amor fraterno, mas também sobre a perda e a demanda da paz interior. O cenário desta procura pela cura de Brendan é esse roteiro enigmático no Norte de Espanha, com a sua beleza impressionante e os seus enormes desafios, físicos e pessoais. Como jesuíta, Brendan serve-se da sabedoria e das ferramentas do fundador da sociedade, Inácio de Loiola, viajante por excelência e santo. É essa espiritualidade de cariz quinhentista, com uma abordagem baseada na peregrinação e na decisão, que lhe permite superar muitas situações difíceis. Brendan aprende a seguir ao seu ritmo, a libertar-se da pressão de competir com os outros e a «viver no momento», estando presente para ele próprio e para os outros.

Como fundador da Console, interesse-me muito pela forma como as pessoas choram a morte dos entes queridos. Neste livro, caminhar é a terapia que permite a Brendan sarar as feridas do passado. No caminho, ele passa por várias aventuras e tribulações que trazem à superfície as suas tensões interiores e abrem o caminho para um profundo processo de cura. *A Estrada da Salvação* é uma história sobre redenção, que mostra como se remenda uma vida dilacerada através da peregrinação, do movimento e da meditação. É uma história que atesta a presença da espiritualidade na própria raiz das nossas vivências quotidianas e que nos explica como o peregrino basco do século XVI, Inácio de Loiola, ainda hoje nos ilumina a viagem.

Fiquei particularmente comovido quando Brendan refere a importância da Console para ele, considerando que foi essencial para o seu processo de cura fazer parte de um grupo de apoio. O que me interessa é a descoberta de boas capacidades de

sobrevivência e formas criativas de superar a dor. Este livro faz precisamente isso, de um modo que não é nem moralista nem prescritivo, mas convincente, por ser pessoal. Creio que o processo de luto por alguém que se tenha suicidado tem qualquer coisa de muito singular que leva as pessoas ao Fim da Terra (parte do título do último capítulo), em busca de consolo para as suas almas feridas. Penso que o relato de Brendan é uma descrição maravilhosa do impulso humano para procurar a cura, com as suas dificuldades e os seus consolos, que culmina num desfecho eminentemente pleno de esperança.

Paul Kelly, fundador e CEO da Console



O Percurso do Autor no *Caminho de Santiago*
Camino do Norte • Camino Primitivo

Movido pelo Desejo



O temporal fazia a chuva bater na janela da casa do retiro em Connemara, Galway, enquanto eu me debatia para liderar um grupo de adolescentes enjaulados. A aparelhagem tocava a canção da banda irlandesa Aslan, «How can I protect you in this crazy world?»* com a voz distinta de Christy Dignam a ressoar e a evidenciar a letra. Destinada ao desenvolvimento espiritual dos jovens, aquela canção acentuava o meu vazio interior e o meu sentimento de culpa. Voltei a cara para o outro lado, para que não pudessem ver a minha expressão de dor. Não serviu de nada, pois vi nos seus olhares que a reconheciam. Por mais irracional que fosse, a canção soava-me a uma acusação: como podes ser crente depois de uma tragédia, especialmente tu, padre jesuíta, cuja missão é salvar as pessoas? A chegada do autocarro trouxe-me alívio, porque anunciava o fim da tarefa e me permitia recolher. Entorpecido e agitado por um desgosto inesperado, cumpri a rotina da limpeza.

* Tradução: «Como poderei proteger-te neste mundo louco?» [N. da T.]

Não posso continuar a fingir que não tenho nenhuma ferida, pensei para comigo quando seguia no autocarro para Galway. Estava cansado de fazer de conta, farto de me sentir mal e de subsistir em modo de sobrevivência. Sentia que não poderia ajudar ninguém, a não ser que eu próprio fizesse a exploração do meu próprio desgosto. Os últimos anos, desde o suicídio do meu irmão Donal¹, tinham sido difíceis. Fisicamente, a doença da alma revelara-se em erupções cutâneas, depressão e uma gripe recorrente. Psicologicamente, o choque inicial, o entorpecimento do funeral e a constatação da realidade tinham sido devastadores — agora, restava uma angústia subtil, persistente e silenciosa, para não falar de uma crise espiritual de que mal me apercebia.

À semelhança de muitos outros sobreviventes de um desgosto, encarava a vida como uma batalha permanente em que tinha de apresentar uma fachada de coragem, apesar de interiormente gritar decadência e perda. Muitos amigos, familiares e colegas foram magníficos, com a sua atenção e apoio, mas eu precisava de um pouco mais de ajuda. Foi com alguma hesitação que decidi procurar conselheiros e outros profissionais na área da cura. A certa altura, encontrei a Console, um grupo de apoio a vítimas do suicídio. Era um lugar seguro, onde poderia ser eu próprio, expressar os meus sentimentos e partilhar o que me ia na alma com outras pessoas que tinham passado pelo mesmo horror que eu. Apesar de tudo, qualquer coisa ficara por curar. Perguntava-me como poderia voltar a confiar na vida e transformar aquela experiência de perda numa nova forma de vida e aproximação. Como padre a passar por uma crise de fé, vivia uma contradição: era um desafio transmitir a imagem de um Deus amável. A vida mudara dramaticamente; com o suicídio, o véu fora levantado, e não havia como regressar às velhas certezas de sempre. Não poderia continuar muito mais tempo a coxear assim pela vida — precisava de tomar uma medida radical para despertar novamente a minha paixão e energia.

Naquela viagem de autocarro, veio-me à cabeça a história da convalescença forçada de Santo Inácio de Loiola, o cortesão basco que fundara os Jesuítas (a minha ordem), há quase quinhentos anos. Psicólogo prototípico, Inácio começou a analisar os seus humores e sentimentos profundos, depois de uma bala de canhão lhe ter dilacerado a perna e forçado a passar meses na cama. Essa experiência e a subsequente peregrinação que fez a pé foram os catalisadores de um processo radical de transformação. O isolamento da convalescença na cama obrigou-o a prescindir das suas novelas românticas preferidas, a que não tinha acesso, e a contentar-se com uma *Vida de Cristo* e um livro sobre os santos. Não deixara, porém, de fantasiar sobre as suas aspirações românticas e alternava-as com as leituras espirituais, servindo-se da imaginação para inventar cenários radicalmente diferentes. Num desses seus sonhos acordados, ganhava a mão de uma dama famosa, enquanto, noutra, superava os santos em jejuns e peregrinações. Quando estava acamado, fez a descoberta estranha de que enquanto...

pensava nas questões mundanas, sentia um grande deleite, mas, depois de se fartar e de as rejeitar, sentia-se vazio e infeliz. Pelo contrário, depois de pensar em imitar os santos, não só sentia consolo, como até ficava feliz e alegre.²

Esses humores contrastantes eram profundamente significativos. Inácio deduziu que Deus estava a comunicar diretamente com ele, não só o convidando a refletir e tomar decisões, mas também, em última instância, o conduzindo a uma vida visceralmente diferente.³ No fundo, chegara à conclusão de que os seus desejos superficiais (egoísticos) não eram verdadeiramente estimulantes e só provocavam sentimentos de infelicidade e desolação. Os seus desejos mais intensos (servir os outros),

em contrapartida, revigoravam-no, satisfaziavam-no e geravam sentimentos de felicidade e consolo. A doença forçara-o a sair dele próprio e a aceitar o desafio da vida, em vez de se deixar ficar a viver a vida pela metade, numa desolação confortável.

A consolação é um movimento interior que inspira sentimentos de paz, esperança e amor e que nos orienta na direção de Deus e da ajuda ao próximo. Em *Inner Compass**, Margaret Silf diz que a consolação é «sinal de que os nossos corações, pelo menos nesse momento, estão a bater em harmonia com o coração de Deus».

Embora conhecesse bem essa história, o que me impressionara fora o facto de a doença se ter tornado crucial para a sua transformação. A minha própria doença e os humores que ela provocava pareciam fazer eco da experiência de Inácio: poderia encontrar as respostas através da peregrinação, a autoconsciência e a reflexão. Da mesma forma, tinha de escolher entre diferen-

tes alternativas ligadas à vida ou à morte, e essa escolha conduzia irrevogavelmente à ação, numa viagem ou demanda. Assim que se recompôs, Inácio, o peregrino, foi a coxear até Jerusalém em direção a uma vida nova. Inácio formulou todo o seu conhecimento experiencial sobre os humores e as decisões num manual espiritual intitulado *Exercícios Espirituais* — guia que utilizo muito no meu trabalho e nas minhas orações. Inácio sabia bem o que era a depressão e a desolação, tendo vivido a sua própria «noite escura». Chegara mesmo a contemplar o suicídio. Em termos de história e desejo pessoais, encontrava semelhanças impressionantes entre mim e Santo Inácio.

Recordo nitidamente uma peregrinação de trinta e um dias que fiz, durante a minha formação jesuíta, uns vinte anos antes em Espanha, a reconstituir os passos de Inácio, pedindo comida e abrigo.⁶ Fora um dos momentos decisivos da minha vocação,

* «Bússola Interior». [N. da T.]

em que, paradoxalmente, me sentira livre, apesar das condições precárias em que vivia. A minha intuição dizia-me que tinha de regressar a essa solitude primitiva com Deus, de me fazer sozinho à estrada, radicalmente aberto à vida. Tendo sentido esse gostinho uma vez, desejava-o novamente. Sabia que, aos 50 anos, já não poderia viver de esmolas, mas ainda poderia caminhar de mochila às costas.

O lendário Caminho de Santiago intrigava-me e, sendo eu um aficionado de peregrinações, lera muito sobre ele. Vira o filme *O Caminho*⁷, com Martin Sheen, que lidava de forma comvente com o desgosto e a perda, caminhando. As sementes de uma ideia começaram a germinar na minha cabeça: poderia percorrer a pé a rota antiga para Santiago, procurando recuperar a «paixão perdida»⁸ e juntar os fragmentos da minha vida. Desejava a necessária vida de asceta, a entrega de mim próprio aos caprichos da estrada e o silêncio gerado pelo ritmo meditativo da caminhada.

Queria ouvir o meu coração, contactar com a Natureza e viver na parte mais profunda do meu ser, tal como Inácio. Levava um símbolo do meu irmão para Santiago, em nome da minha família. O simples facto de, em conversa, dizer as palavras «fazer o Caminho», produziu uma mudança visceral em mim, acendendo

Qual é a tua ânsia? O que realmente desejas, do fundo do teu coração? Inácio incita-nos a analisar os nossos desejos, a prestar atenção aos nossos sentimentos e a refletir sobre o que vem à superfície. Só descobrindo os nossos desejos mais profundos podemos descobrir a orientação de Deus no nosso interior.

uma chama. Para mim, foi a confirmação de que o que sentia era um desejo⁹ verdadeiro e que, de algum modo, a minha cura dependia disso. O Caminho não era só uma viagem ou um passeio, mas a busca da sobrevivência espiritual e uma forma significativa de juntar as peças fragmentadas para

reconstituir um todo. Era uma incursão no desconhecido, simultaneamente excitante e aterrorizante.

Nesse inverno, comecei a planear a viagem, a consultar guias, websites e blogues. Reuni o equipamento de caminhada necessário e comecei a preparar-me para esta caminhada de oitocentos quilómetros. Encontrei muita informação e conselhos sobre o Caminho, mas nem tudo era coerente. Por exemplo, fazia-me confusão que não tivesse um ponto de partida fixo, mas tivesse um só destino, e que houvesse um «passaporte do peregrino», mas não existissem fronteiras. Na realidade, há vários Caminhos para Santiago, não apenas um, e tantas opiniões sobre como o fazer quanto pessoas — cada qual tem uma motivação ou filosofia diferente para percorrer esta rota antiga.

Depois de muito refletir, decidi fazer o Caminho de Santiago da seguinte maneira:

- Caminharia sozinho, como peregrino.¹⁰ Esta era uma demanda individual, e queria ter tempo para pôr a cabeça em ordem, refletir e meditar.

- Percorreria a rota menos escolhida a norte, o Caminho do Norte (e não o clássico Caminho Francês), oitocentos quilómetros para ocidente, pela costa, a partir da fronteira com a França. Apesar de ter poucas infraestruturas, tinha vistas muito mais bonitas.

- Como símbolo, levaria a velha t-shirt do Barcelona FC do Donal, para levar ao altar, em Santiago, em nome da minha família.

- Angariaria patrocínios para a organização de prevenção do suicídio — Console — em que estivera envolvido na Irlanda.

- Inspirado e orientado pelo caminhante e peregrino¹¹ Santo Inácio de Loiola, servir-me-ia dos seus *Exercícios Espirituais* como guia.

Habitado a caminhar só em saídas ao fim de semana, tive de treinar mais, antes de partir, percorrendo a pé os montes que rodeiam a parte ocidental da Irlanda, com uma mochila cheia de tijolos. E fazer as malas, na véspera de partir, foi um frenesim, comigo a subir e a descer da balança da casa de banho, na tentativa de reduzir o peso da bagagem. Numa manhã chuvosa de início de junho, estava eu na pista do Aeroporto de

Santo Inácio referia-se muitas vezes a ele próprio como peregrino. No seu entender, deveria fazer a sua viagem espiritual sem bagagem e aberto às orientações de Deus. Essa experiência formativa de interpretar a sua própria vivência, enquanto percorria a Europa, levou-o a escrever os *Exercícios Espirituais*, um guia que ilumina a nossa própria peregrinação para Jesus.

Dublin, enrolado na minha capa. Tremia, só com a minha roupa leve de caminhada, a desejar chegar rapidamente à Espanha, com os seus climas mais quentes. A minha mochila pesava sete quilos e setecentos na balança do *check-in*, em resultado de uma seleção implacável que me levou a deixar o saco-cama¹² para trás. Ainda cansado do meu trabalho, dormi a viagem toda e saí do avião a derreter no calor de 25 °C de Biarritz, na França.

Enquanto esperava o comboio para Irún, o meu ponto de partida na fronteira da França com a Espanha, encontrei um peregrino canadiano chamado Jim que ia fazer a rota francesa pela décima vez. Muito embora fôssemos estranhos, depressa fizemos amizade, unidos pelo nosso equipamento de caminhada e o nosso destino comum — a minha primeira experiência da singular criação de laços do Caminho. Trocámos histórias do que nos fez ir parar ao Caminho. E, apesar da sua vasta experiência, tinha uma humildade, irradiava uma tal paz e mostrava-se tão disposto a dar conselhos que fiquei imediatamente

impressionado com ele. Partimos em direções opostas; ele ia para Saint-Jean-Pied-de-Port. Nunca mais voltaria a vê-lo.

Ao embarcar sozinho no comboio, sentia-me entusiasmado e ansioso, a imaginar-me no mítico Caminho de Santiago no dia seguinte. O comboio parou bruscamente na cidade fronteiriça francesa de Hendaye, onde ficou à espera de fazer uma ligação. Nessa altura, apercebi-me de que poderia poupar uma hora, se simplesmente percorresse a pé os três quilómetros que faltavam para chegar a Irún, na Espanha. Deliberadamente, levando o meu tempo, pus a minha mochila do Caminho às costas pela primeira vez e subi uma rua indistinta para entrar no País Basco, na Espanha. Na fronteira, parei na Ponte Internacional de Santiago, considerando que se tratava de um ponto de partida muito adequado para a minha peregrinação. Fiz uma prece sentida, a pedir proteção, coragem e saúde no mês que tinha pela frente. Era um início imprevisível do Caminho. Esperara um enorme portão, uma multidão de habitantes locais e um ambiente dramático, mas só encontrei uma estrada de alcatrão, uma ponte enferrujada e telhados de terracota à distância.

As duas cidades estavam tão interligadas que, mal dei por mim, já estava em Irún. Aproximei-me da minha primeira igreja no Caminho, a imponente Santa María del Juncal do século xvii, à espera de ser recebido com uma hospitalidade ao estilo medieval. Dei com portas trancadas. Um pouco desiludido, compus a minha prece de peregrino nos degraus da entrada e fui à procura de um albergue (um alojamento muito básico e barato destinado a quem faz o Caminho) que acabou por se revelar um apartamento duplo apinhado, ao lado da ferrovia. Há uns bons anos que não dormia num beliche, por isso, imagine-se o meu horror, quando me apercebi de que os quartos não tinham portas e que eu iria efetivamente partilhar o espaço (juntamente com os ruídos, os cheiros e as divisões apertadas) com os trinta ocupantes.

O dono do albergue sentiu o meu desconforto — a minha roupa tão nova que até fazia barulho denunciou-me como novato naquelas andanças — e fez-me entrar com um sorriso. Foi extremamente prestável, indicando-me o percurso do dia seguinte, a chamada etapa, e mostrando-me no mapa onde me poderia hospedar. Quando ele me deu o meu primeiro carimbo oficial na minha credencial — o passaporte do peregrino que é carimbado em todos os sítios onde nos hospedarmos e verificado no fim, para podermos receber a Compostela, o certificado que se dá a quem termina o Caminho —, senti-me estranhamente reconfortado, tendo em conta que marcava o início de uma coisa que me era bastante desconhecida.

Mal dormi com o frio, e arrependi-me de ter deixado o saco-cama para trás. Não foi um bom início para uma maratona de trinta dias a caminhar. Levantar-me às seis e meia foi um choque para o meu sistema e demorei cerca de quarenta minutos a organizar lentamente as minhas coisas. Uma vez lá fora, o sol nascente sarapintado dissipou-me os medos e, sentindo-me expansivo, fiz um desvio por Hondarribia para ver e sentir o mar. As casas, janelas e portas decoradas em tons garridos alertaram-me para o facto de estar em território basco, com as suas cores, o seu espírito e a sua língua tão particulares. Ali estava, no cais, a partida dramática do Caminho que eu procurava — um poema colossal apresentado em basco e espanhol que começava da seguinte forma:

O Caminho convida, tu descobres; podes fazer um desvio quando quiseres. É uma via de água e terra que atravessas por uma ponte ou num barco; afasta-te do som do trânsito e aproxima-te do murmúrio do rio, do movimento incessante das marés carregadas de ar salgado.¹³

Era uma perspectiva curiosa e contemplativa sob o Caminho, mas que alimentou a minha alma peregrina.

Infelizmente não estava preparado para a colina enorme com que me deparei, quando retomei caminho para o Santuário de Guadalupe. Quaisquer vestígios de poesia ou mística depressa se desvaneceram, enquanto eu transpirava, a subir uma estrada movimentada e sinuosa, com o estardalhaço de umas obras mais à frente. Parei um pouco para acender uma vela na encantadora capela de Guadalupe. Depois de um almoço miserável no parque de estacionamento, pois esquecera-me de arranjar provisões, continuei por um agradável trilho pela encosta. Os arbustos rastos e a terra de um vermelho intenso recordavam-me as minhas caminhadas pelas colinas nos arredores de Dublin. O resto da tarde pareceu-me fácil, apesar de o caminho ser poeirento. Fiquei maravilhado com o som dos sinos pendurados nos pescoços das vacas e o odor acentuado das cabras. Era um bom augúrio para o Caminho, se, ao menos, eu conseguisse manter os pés na terra, «dar um passo de cada vez» e a caminhar dia após dia.

Catorze quilómetros depois, cheguei finalmente a Pasajes de San Juan, um pequeno e encantador porto piscatório tradicional, recortado nas arribas de arenito. Faminto, jantei um guisado de atum num café e percorri o caminho dramático, à beira das escarpas debruçadas sobre o mar turquesa. A certa altura, encontrei um jardim de flores silvestres protegido, onde dormi uma sesta, à espera que o albergue abra. À primeira vista, o *Hospital de Peregrinos* era radioso e acolhedor. O hospiteiro (gerente do albergue), Felice, foi o anfitrião perfeito, esforçando-se ao máximo para me fazer sentir bem-vindo. O meu beliche ficava num sótão aberto, espaçoso e arejado, com apenas mais três — luxo puro.

Felice puxou-me à parte, num tom conspiratório, e disse-me que havia uma coisa crucial a saber sobre o Caminho. Aquele

foi o primeiro verdadeiro teste ao meu espanhol enferrujado. Perguntava-me onde quereria ele chegar — talvez me fosse fazer qualquer aviso de segurança pessoal ou indicar certos locais a evitar. Foi com muita gravidade que me anunciou: «Para não se perder no Caminho, siga sempre as setas amarelas.» E explicou: «Há sistemas diferentes para marcar o Caminho,¹⁴ nas várias regiões do Norte da Espanha — conchas, postes em seta — que podem ter significados diferentes, dependendo da região. As setas amarelas pintadas à mão, porém, apontam sempre na direção certa. Aparecem a cada duzentos metros, ou assim; só tem de estar atento a elas.» Na verdade, esse revelar-se-ia um dos conselhos mais úteis que receberia e me faria poupar muito tempo que, de outra forma, teria desperdiçado. Felice (que soa ao termo espanhol para designar «feliz») tinha o nome apropriado.

Satisfeito por não me ter esforçado demasiado naquele que foi realmente o meu primeiro dia de caminhada, dei um passeio pelo ancoradouro, a ver o sol derreter-se no mar. Mesmo à frente, via o caminho que iria percorrer no dia seguinte, numa subida quase vertical pela encosta rochosa. Uma vez que passara fome nesse dia, lembrei-me de ir comprar provisões suficientes para fazer um bom almoço, no dia seguinte. Na praça, conheci duas mulheres caminhantes, uma italiana e outra holandesa, com quem me sentei a conversar amenamente, enquanto tomávamos uma bebida e comíamos uma sopa de amêijoia. Não tardou a que chegássemos ao cerne da questão: porque estávamos a fazer o Caminho. É um tema comum, entre as pessoas que fazem a caminhada. Com vontade de proteger a minha privacidade, fui um pouco vago («crise de meia-idade»), mas essa questão ecoaria cada vez mais, dentro de mim. Já bastante cansado, dormi como um anjo, sem sonhar, aconchegado debaixo do cobertor do albergue.

O dia seguinte terminou sem que eu desse conta disso. Com os pés doridos e cansado, entrei a coxear em Orio, ao fim da tarde, acompanhado por dois espanhóis que tinha conhecido pelo caminho. Reparei que estava a desenvolver um certo ritmo, já nesta etapa precoce: seis da manhã, começar; caminhar a manhã inteira; fazer o próprio almoço; encontrar um albergue antes de ficar demasiado calor; ir a uma missa do peregrino; e passar uma longa tarde a ler ou a refletir, antes de ir comer a refeição barata de um menu do dia. O albergue privado em Orio era um tanto ou quanto especial, apesar de ser um pouco mais caro (dez euros) do que os municipais. Na cave de uma casa de família, era limpo e alegre, com vista para as intermináveis colinas verdes.

Começava a conhecer os estados de êxtase e de aflição do afamado Caminho do Norte. As colinas íngremes eram duras para o caminhante, exigindo um esforço considerável e muito suor. Já escalara duas montanhas substanciais num dia e vira a cidade gloriosa de San Sebastian, com as suas praias em crescente. Foi surreal atravessar os extensos passeios imaculados e desertos logo de manhã, à procura das esquivas setas amarelas. A recompensa, contudo, era a paisagem — o mar sempre à vista, com as suas arribas imponentes e gaivotas a voar nas alturas. Era tudo distintamente basco: os sinais rodoviários misteriosos, os sotaques guturais e a arquitetura. Orio tinha bonitas casas do século xvi, com os lintéis de arenito detalhadamente esculpidos.

Apesar de ainda só ter começado a viagem três dias antes, parecia-me que já a fazia havia uma eternidade — era como se tivesse entrado noutra dimensão, onde o tempo abrandara e a vida mudara. Saboreava cada vez mais as caminhadas matinais, sentindo-as como convites meditativos para ganhar ritmo na passada e render-me a ele. Ainda não tinha chegado a nenhuma grande conclusão, funcionando apenas ao nível da sobrevivência: comer, caminhar, beber, falar e dormir. Ao fazer a minha

Revisão do Dia,¹⁵ nessa noite, fiquei surpreendido por perceber que passara o dia de bom humor e com uma atitude positiva. Inácio chamava-lhe «consolação», e ela parecia confirmar o meu profundo desejo de fazer o Caminho.